Acervo ISA

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Documentação
Fonte FSP (Cotidiano)
Data 14/10/2003 Pg C1
Class. 82

ABASTECIMENTO *Chuva fez empresa adiar, por tempo indeterminado, racionamento nas cidades abastecidas pelo Alto Cotia*

Na última hora, Sabesp cancela rodízio

Lalo de Almeida/Folha Imagem

Represa Pedro Beicht, do sistema Alto Cotia (Grande SP), que operava ontem com apenas 8,2% de sua capacidade máxima

DA REPORTAGEM LOCAL

Às 20h30 de ontem, menos de 34 horas antes do horário em que deveria começar, o racionamento nas cidades abastecidas pelo sistema Alto Cotia (na Grande São Paulo) foi adiado por tempo indeterminado pela Sabesp. A falta de água deveria atingir 440 mil moradores dos municípios de Cotia, Embu, Embu-Guaçu, Itapecerica da Serra e Vargem Grande Paulista a partir das 6h de amanhã.

As razões para o cancelamento dos cortes no fornecimento, segundo a empresa, foram as chuvas do fim de semana —que aumentaram o nível da represa Pedro Beicht de 6,8% na sexta para 8,2% ontem— e a economia de água. Embora não tenha divulgado de quanto foi a redução no consumo, a Sabesp informou que diminuiu sua produção pela primeira vez neste ano.

Quarta-feira passada, quando o racionamento no Cotia foi anunciado, o sistema estava com 7,6% de sua capacidade. A Sabesp afirmou que as condições do sistema serão avaliadas dia-a-dia.

Se a situação persistir —mais chuvas e menos consumo—, os sistemas Cantareira e Alto Tietê, que abastecem respectivamente 9 milhões e 2,7 milhões de pessoas na região metropolitana, também não deverão ter racionamento. Uma decisão oficial sobre eles só deve sair, porém, em novembro.

O Cantareira passou de 8,3% de sua capacidade operacional na sexta-feira passada para 9,4% ontem; já o Alto Tietê, subiu de 21,1% para 22%.

Disputa deve reduzir água para Grande SP

MARIANA VIVEIROS
DA REPORTAGEM LOCAL

Metade da Grande São Paulo depende da água do sistema Cantareira. Cerca de 4 milhões de moradores da região de Campinas também. Como não há volume para atender as duas demandas, a disputa deve terminar, em 2004, com uma redução, ao menos a médio prazo, do que é mandado para a capital e cidades vizinhas.

Se depender dos comitês Estadual e Federal das Bacias do Piracicaba, Capivari e Jundiaí e do consórcio intermunicipal das bacias dos mesmos rios, a Grande São Paulo deixará de receber até 10 mil l/s de água do Cantareira em 2004 ou nos próximos dez anos. A redução significará deixar de abastecer por volta de um terço dos 9 milhões de pessoas que consomem a água do sistema.

Pela concessão em vigor, a Sabesp (Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo) manda 31 mil l/s do Cantareira para a Grande São Paulo, mas a licença vence em agosto de 2004, e representantes da região de Campinas se articulam para alterá-la.

"Queremos negociar algo mais justo. Imaginamos que podemos receber cerca de 11 mil l/s", diz Sebastião Vainer Bosquilia, integrante do comitê do Piracicaba. Hoje o Cantareira manda para o interior uma média de 3.000 litros por segundo —embora o bombeamento atinja até 5.000 l/s.

Essa água é usada principalmente na irrigação e na indústria, além de ser importante em estiagens como a que a região vive hoje, pois dilui esgotos domésticos lançados nos rios aproveitados para o abastecimento (só 24% do esgoto da bacia é tratado).

Como o Comitê da Bacia do Alto Tietê (responsável pelos mananciais da Grande São Paulo) ainda não tem proposta para enfrentar a do Piracicaba, é a secretaria estadual dos recursos hídricos que sai em defesa da região metropolitana —principal fonte de lucro da Sabesp.

"O assunto [da outorga] tem de ser tratado sem muita emoção, de forma técnica. Por isso criamos um grupo de trabalho e temos um monitoramento on-line das vazões que vão para o interior", afirma o titular da pasta, Mauro Arce.

Embora admita que a menor retirada de água do Cantareira para a Grande São Paulo é uma questão de tempo, ele quer ampliar o prazo para fazer a mudança.

"O uso prioritário da água é para abastecimento, não para irrigação e indústria. Além disso, a região de Campinas precisa tratar o esgoto, deixar de poluir os rios. E ninguém deve achar que o Cantareira vai resolver o problema do interior porque ele dá uma pequena contribuição na produção total da bacia do Piracicaba", disse.

Caberá à ANA (Agência Nacional de Águas) definir os novos termos da outorga porque o rio Jaguari —principal formador da bacia do Piracicaba e, ao mesmo tempo, da primeira das seis represas do sistema Cantareira— é federal (nasce em MG e corta SP).

A disputa pela água é consequência de uma urbanização sem planejamento que o interior parece copiar da capital, dizem ambientalistas. Em ambos os casos, a crise é um resultado esperado.

ENTENDA A DISPUTA PELO CANTAREIRA

■ Até o início da década de 80, não havia o sistema Cantareira, e os rios que formam suas represas (Jaguari, Cachoeira e Atibainha, todos da bacia do rio Piracicaba) só abasteciam parte da região de Campinas

■ A Sabesp represou esses rios, em parte para controle de cheias no interior, em parte para abastecer a Grande São Paulo

■ Pelo esquema atual, o Cantareira produz cerca de 31 mil litros por segundo para a capital e região metropolitana, onde abastece 9 milhões de pessoas. Manda também até 5.000 litros por segundo para a bacia do Piracicaba, que ajudam na irrigação, no abastecimento da indústria e na dissolução dos esgotos dos rios da região, usados no abastecimento público

A outorga vence em agosto de 2004, e há pelo menos três cenários em discussão:

1 Redução imediata do volume de água liberado para a Grande SP e o aumento do que vai para o interior em até 10 mil litros por segundo

2 Compensação financeira por parte da região metropolitana de São Paulo pelo uso da água do Piracicaba

3 Estabelecimento de um cronograma para que o sistema passe a dar mais água para o interior e menos para capital

Quem decide como será o novo esquema é a Agência Nacional de Água (ANA), porque o rio Jaguari, que forma a principal represa do sistema Cantareira, é federal (nasce em MG)

ONDE FICA O SISTEMA

A SITUAÇÃO DO ABASTECIMENTO NA GRANDE SP

	Capacidade (%)	Chuva acumulada em outubro (mm)	Média histórica do mês (mm)
Cantareira	9,4	110,9	131,4
Guarapiranga	24,1	53,0	118,5
Rio Grande	58,4	101,2	138,1
Rio Claro	29,3	87,0	178,9
Alto Tietê	22	76,8	120,8
Alto Cotia	8,2	50,9	123,6